

PORTUGUÊS

INSTRUÇÃO: Leia o texto seguinte e responda as questões de números 20 e 21.

- (1) E acompanhando sua filha, D. Antônio foi ao encontro do índio que já subia a esplanada.
- (2) Peri trazia um pequeno cofo¹, tecido com extraordinária delicadeza, feito de palha muito alva, todo rendado; por entre o crivo que formavam os fios, ouviam-se uns chilidos² fracos e um rumor ligeiro que faziam os pequenos habitantes desse ninho gracioso.
- (3) O índio ajoelhou-se aos pés de Cecília; sem animar-se a levantar os olhos para ela, apresentou-lhe o cabaz³ de palha; abrindo a tampa, a menina assustou-se, mas sorriu; um enxame de beija-flores esvoaçava dentro; alguns conseguiram escapar-se.
- (4) Destes um veio aninhar-se no seu seio, o outro começou a voltejar em torno de sua cabeça loura como se tomasse a sua boquinha rosada por um fruto.
- (5) A menina admirava essas avezinhas brilhantes, umas escarlates, outras azuis e verdes; mas todas de reflexos dourados e formas mimosas e delicadas!
- (6) Vendo-se esses íris⁴ animados acreditava-se que a natureza os criou com um sorriso, para viverem de pólen e de mel, e para brilharem no ar como as flores na terra e as estrelas no céu.
- (7) Quando Cecília se cansou de admirá-los, tomou-os um por um, beijou-os, aqueceu-os no seio, e sentiu não ser uma flor bela e perfumada para que eles a beijassem também e esvoçassem constantemente em torno dela.
- (8) Peri olhava e era feliz; pela primeira vez depois que a salvara, tinha sabido fazer uma coisa que trouxera um sorriso de prazer aos lábios da senhora. Entretanto, apesar dessa felicidade que sentia interiormente, era fácil de ver que o índio estava triste; ele chegou-se para D. Antônio de Mariz e disse-lhe:
- (9) — Peri vai partir.
- (10) — Ah! Disse o fidalgo, voltas aos teus campos?
- (11) — Sim: Peri volta à terra que cobre os ossos de Ararê.
- (12) D. Antônio encheu o índio de presentes dados em seu nome e em nome de sua filha.
- (13) — Perguntai a ele por que razão parte e nos deixa, meu pai, disse Cecília.
- (14) O fidalgo traduziu a pergunta.
- (15) — Porque a senhora não precisa de Peri, e Peri deve acompanhar sua mãe e seus irmãos.
- (16) — E se a pedra quiser fazer mal à senhora, quem a defenderá? perguntou a menina sorrindo e fazendo alusão à narração do índio.
- (17) Ouvindo dos lábios de D. Antônio a pergunta, o selvagem não soube o que responder, porque lhe lembrava um pensamento que já tinha passado por seu espírito; temia que na sua ausência a menina corresse

um perigo e ele não estivesse junto dela para salvá-la.
(18) — Se a senhora manda, disse enfim, Peri fica.
(José de Alencar, *O Guarani*.)

Vocabulário

1. cofo – samburá, cesto feito de cipó ou de taquara, bojudo e de boca estreita, usado pelos pescadores para recolher peixes, camarões, etc.
2. chilido – chilreio agudo de pássaros novos.
3. cabaz – cesto de verga, junco, vime, etc. de variadas formas, geralmente com tampa e asa.
4. íris – certa pedra preciosa, quartzo irisado.

20

A partir do texto, responda:

- a) A que movimento literário pertence o texto? Indique uma característica desse movimento que pode ser detectada no trecho reproduzido.
- b) Observando o diálogo que se estabelece entre as três personagens, Peri, Cecília e D. Antônio de Mariz, a partir do 9.º parágrafo, indique quais são as formas de tratamento que cada um deles utiliza para se referir a seus interlocutores. No caso de Peri e Cecília, mostre ainda como eles se referem a si próprios.

Resolução

- a) *O texto pertence ao Romantismo e apresenta diversas das características assumidas pelo movimento no Brasil em sua fase inicial, sobretudo o indianismo, com marcada tendência à idealização do selvagem. Idealização tipicamente romântica é o que se vê, também, na composição da figura feminina (apesar de apenas tenuemente esboçada no fragmento transcrito) e na descrição das relações entre os europeus e o índio.*
- b) *Peri refere-se a si e a seus interlocutores na terceira pessoa, usando para Cecília o tratamento respeitoso de “senhora”. Cecília fala, respeitosamente, ao pai na segunda pessoa do plural e refere-se ao índio apenas indiretamente, usando por isso a terceira pessoa. D. Antônio, finalmente, dirige-se ao índio na segunda pessoa do singular, o que denota informalidade e superioridade. Quanto às referências de Cecília a si mesma, elas imitam o tratamento que o índio lhe dá – terceira pessoa, “senhora”.*

Considere o procedimento lingüístico de referência no texto e responda:

- a) No 3.º parágrafo do texto de Alencar, Cecília percebe que o cesto que Peri lhe dera estava repleto de beija-flores. Essas aves serão retomadas nos parágrafos 4, 5, 6 e 7 de diferentes maneiras. Indique uma forma de referência aos beija-flores em cada um desses parágrafos.
- b) Em contraposição ao dever-partir afirmado por Peri, Cecília faz referência a um acontecimento narrado anteriormente ao trecho aqui transcrito, no qual Peri salva-a de ser esmagada por uma grande pedra que se desprendera da encosta de um morro. Que efeito essa referência desencadeia no dever de Peri e que justificativa ele apresenta para sua decisão?

Resolução

- a) *Parágrafo 4: retomada anafórica, através dos pronomes indefinidos um e outro determinados pelo pronome demonstrativo destes. Parágrafo 5: retomada, também, através da combinação pronomes indefinidos (umas, outras, todas), com o pronome demonstrativo (essas), que determina a expressão que se refere aos pássaros: “avezinhas brilhantes”. Parágrafo 6: retomada através de uma metáfora (iris) determinada por um pronome demonstrativo (esses). Parágrafo 7: retomada através de pronomes pessoais, oblíquos ([l]os) ou reto (eles).*
- b) *Peri sente-se responsável por defender Cecília dos perigos circundantes. A referência da moça à eventualidade de um novo perigo desperta no índio a consciência do dever relativamente a ela. Embora o índio já estivesse preocupado com tal possibilidade, ele justifica sua disposição de ficar como obediência a uma ordem virtual da “senhora”.*

INSTRUÇÃO: Leia o texto seguinte e responda as questões de números 22 e 23.

Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta da costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura para o dia seguinte; con-

tinuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: — Anda, aprende, tola. Cansaste em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar a vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

(Machado de Assis, *Várias Histórias*.)

22

Tomando por base o texto de Machado, responda:

- O que significa a palavra “apólogo” que dá título ao conto? Qual a relação da história contada com seu título?
- Qual é o argumento final apresentado pela linha para falar de sua superioridade em relação à agulha?

Resolução

- Apólogo é uma fábula, ou seja, uma narrativa que encerra uma lição moral. No caso do texto transcrito, a “moral da história” é claramente explicitada no penúltimo parágrafo, fazendo que a narrativa corresponda adequadamente a seu título.
- A linha gaba-se de acompanhar o vestido (e sua dona, naturalmente) ao baile, participando da elegância e da festa, enquanto a agulha fica tristemente em seu canto, “a caixinha da costureira”, antes de ser rebaixada ao “balaio das mucamas”.

A respeito dos usos lingüísticos eleitos para construção do texto de Machado de Assis:

- a) Observe a frase de Machado: *Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser*. Explique a regência do verbo *pegar* e de que maneira essa frase pode ser escrita numa modalidade de língua portuguesa mais comum nos dias de hoje.
- b) Identifique no texto de Machado um exemplo de onomatopéia e explique sua função.

Resolução

- a) O verbo *pegar*, transitivo direto, aparece com seu complemento acompanhado da preposição de (*trata-se, pois, de objeto direto preposicionado*). A preposição, no caso, como que atribui energia ou intensidade à ação. Sem tal preposicionamento e com a adaptação da frase aos usos correntes, ela seria: “*Chegou a costureira, pegou o pano, pegou a agulha, pegou a linha e começou a costurar*”.
- b) A onomatopéia ocorre em “... não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano”. Sua função é sugerir, com meios lingüísticos, o ruído produzido pela ação relatada.

INSTRUÇÃO: Leia o texto seguinte e responda as questões de números 24 e 25.

POEMA DE FINADOS

Amanhã que é dia dos mortos
Vai ao cemitério. Vai
E procura entre as sepulturas
A sepultura de meu pai.

Leva três rosas bem bonitas.
Ajoelha e reza uma oração.
Não pelo pai, mas pelo filho:
O filho tem mais precisão.

O que resta de mim na vida
É a amargura do que sofri.
Pois nada quero, nada espero.
E em verdade estou morto ali.

(Manuel Bandeira, *Libertinagem*.)

24

A partir da construção do poema de Bandeira:

- Observe a configuração rítmica do poema. Indique a organização da rima e das sílabas métricas.
- Do ponto de vista sintático, identifique e classifique as orações presentes no período composto compreendido pelos versos 3 e 4 da 2.^a estrofe do poema.

Resolução

- O poema combina versos brancos (os ímpares) e rimados (os pares), com rimas diferentes para cada estrofe (1: -ai, 2: -ão, 3: -i). Os versos são octossilábicos, com exceção do segundo, que conta sete sílabas, a menos que ele seja lido com um hiato forçado em cemitério. Note-se que algumas leituras algo forçadas se impõem para que todos os versos sejam “regularizados” como octossílabos. Assim, o verso 1 só conta 8 sílabas se o lermos com hiato em dia. O verso 10, por sua vez, demanda uma sinérese bastante “pesada” em éaa(margura), sem a qual contaria 9 sílabas.*
- Nas orações “Não pelo pai, mas pelo filho”, os verbos “ajoelha” e “reza”, que aparecem na oração anterior, foram omitidos, configurando zeugma. A oração “mas pelo filho” expressa idéia de oposição em relação à oração anterior “não pelo pai”. Assim, tem-se oração independente coordenada à seguinte (“Não pelo pai”) e oração coordenada sindética adversativa (“mas pelo filho”). No quarto verso, a oração “O filho tem mais precisão” justifica o pedido expresso nas orações anteriores, sendo, portanto, coordenada explicativa.*

De acordo com o poema, responda:

- a) Considerando as marcas lingüísticas de personalidade, quem é o sujeito que enuncia no texto? A quem ele se dirige?
- b) No poema de Manuel Bandeira, o eu-lírico sugere ao interlocutor que faça algo num determinado tempo. Indique a palavra que identifica esse tempo em que o interlocutor deve fazer o que pede o eu do poema e uma frase que mostre o que está sendo pedido.

Resolução

- a) *O eu-lírico apresenta-se no texto por meio das marcas lingüísticas de primeira pessoa, como os pronomes “meu” e “mim”, e pelos verbos “sofri”, “quero”, “espero” e “morto”. Ele dirige-se a um leitor hipotético por meio de verbos no imperativo (“vá”, “procure”, “leve”, entre outros).*
- b) *A palavra que identifica o tempo é o advérbio “Amanhã”, indicando o dia de finados (“dia dos mortos”). O que está sendo pedido pelo eu do poema é evidenciado pelos verbos no imperativo dirigidos ao interlocutor, pedindo a ele que vá ao cemitério e procure a sepultura do pai do eu-lírico: “Vá ao cemitério. Vá / E procure entre as sepulturas / A sepultura de meu pai”. A seqüência do pedido continua na segunda estrofe: “Leve três rosas bem bonitas. / Ajoelhe e reze uma oração”, com verbos também no imperativo.*

Comentário

Prova bem realizada, na boa tradição dos vestibulares de Português da Unesp. Observe-se, porém, que a questão 24a refere-se à estrutura métrica de um poema que contém versos metricamente problemáticos, cuja análise está além do que se pode exigir de estudantes egressos do Ensino Médio.

